

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

"HISTÓRIA DA COMISSÃO CIENTÍFICA DE EXPLORAÇÃO" DE RENATO BRAGA

OCTÁVIO DOMINGUES

Não é possível deixar passar sem uma palavra, por mais humilde que seja, essa comemoração que a Universidade do Ceará acaba de promover. Comemoração do Centenário da «Comissão Científica de Exploração» — que constitui o primeiro «grupo» de pesquisadores brasileiros a sair em reconhecimento da nossa natureza pelos sertões do Nordeste. E isto há um século passado, de 1859 a 1861.

Mandando publicar o livro do agrônomo Renato Braga, membro de seu corpo docente — a Universidade do Ceará comemorou a data de modo especial e condigno, muito melhor do que se o tivesse feito com uma festa, discursos, banda de música. O livro «História da Comissão Científica de Exploração» (Fortaleza, 1962) traz consigo a duração dessa comemoração mesma, e para nossa literatura científica um elemento de cultura, de que tanto precisamos.

Creio que essa «Comissão», organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à sombra estimuladora de Pedro II, que se apressou em amparar oficialmente a iniciativa do Instituto — não é conhecida fora do pequeno grupo de naturalistas e pesquisadores voltados, no Brasil, para as coisas do Nordeste. E mesmo entre estes parecia reinar certa omissão, a julgar pelas próprias expressões de Renato Braga, nas primeiras linhas de suas palavras introdutórias.

«Sempre me causou estranheza o silêncio dos estudiosos cearenses a respeito da Comissão Científica de Exploração. Aqui ela esteve durante mais de dois anos. Percorreu a Província em todos os sentidos, procurando realizar amplo programa de investigações, o primeiro a ser tentado no Império por um grupo de naturalistas e técnicos exclusivamente brasileiros.»

Assim este livro, além de comemorar bem a data centenária, veio nos permitir conhecer essa Comissão de pesquisadores nossos que, largando o conforto da capital, se embrenharam pelos sertões, devassando-os. E conhecer em seus pormenores além da divulgação dos seus trabalhos, publicados na íntegra, em anexo.

O autor da «História da Comissão Científica de Exploração» não economizou esforços para nos oferecer uma obra valiosa, informativa e imparcial na hora de julgar. Ao relatar os fatos ocorridos, durante a permanência da Comissão no Ceará, não omitiu nada do que pôde colher, na numerosa bibliografia que conseguiu reunir e percorrer (111 trabalhos consultados). Mesmo aqueles fatos que trouxeram para a Comissão certo desprestígio, a ponto de a imprensa da época se manifestar, criticando-a, e indo mais além, dando-lhe cognomes ou de sentido pejorativo: **Comissão das Borboletas**; ou até ofensivo: **Comissão Defloradora**.

Devemos convir que, num balanço imparcial, o rendimento do trapalho da Comissão não correspondeu à expectativa. Esta era exagerada por demais, como se depreende da afirmativa de um de seus membros (Gonçalves Dias). Achava êle que um dia a ela propício seria suficiente para «mudar a face do Brasil».

Vários fatores levaram a êsse baixo rendimento, pelo que nos conta Renato Braga com suficiente minúcia. Fatores da natureza humana e fatores circunstanciais (*lactu sensu*).

O próprio vulto e extensão dos planos da Comissão verifica-se que estavam além dos elementos de que ela dispunha e do tempo de que dispôs.

Uma das limitações, que ela apresentou, tinha origem mesma na sua composição. Ela foi constituída de cinco membros titulares, dos quais se sobressaiu seu chefe, Freire Alemão, encarregado da Seção de Botânica. A seguir vinham: Guilherme Schüch de Capanema (depois Barão de), a quem cabia o estudo da Geologia e Mineralogia; Manuel Ferreira Lagos, Zoologia; Giacomo Raja Gabaglia, Astronomia e Geografia; e Antônio Gonçalves Dias, Etnografia — e a quem deveria caber a narrativa da viagem. Além dos titulares de cada especialidade, havia auxiliares, como é natural.

Dentre os citados acima, o único naturalista, em toda a extensão da palavra, era Freire Alemão, já amadurecido nos estudos botânicos. Os outros «não eram propriamente especialistas» como informa o autor. Quando muito poderiam constituir uma promessa, acrescento eu. E adianta que «era do melhor que havia para ocupar-se das matérias da expedição».

É que faltou-lhes (salvo a Freire Alemão) aquela têmpera e curiosidade do especialista — que lhe dão força para o trabalho, e também para vencer obstáculos ou resistir à atração dos passatempos, das distrações que levaram aos descaminhos, daí a condenação que sofreram.

Vejamos o que informa o autor sobre o titular de Zoologia, Ferreira Lagos. «A Zoologia era-lhe um agradável passatempo e quem sabe se não a cultivava com certa dose de malícia pour épater le monarque...»

Os fatores circunstanciais foram diversos, a começar pela época histórica que viviam. A técnica científica, no Brasil, do meado do século XIX, ainda não podia ajudar, e assim a aparelhagem científica teve de ser trazida da Europa, o que retardou o começo dos trabalhos.

A falsa compreensão, que da Comissão tinham os habitantes da região que exploravam, também foi um sério fator negativo. Esperavam que ela descobrisse minas de ouro e prata, ou tesouros escondidos... «O pensamento na Corte e no Ceará, quanto à Comissão, informa R. B. — no início do seu segundo ano de atividades, era o de que fracassara por não haver encontrado os tesouros ansiosamente esperados. Muitos passaram a olhar êsse grupo de cientistas como simples falscadores e garimpeiros...» (Pág. 68.)

Outro contratempo capaz de prejudicar o rendimento dos trabalhos, foram as doenças: «Na longa e penosa travessia dos sertões, privados das elementares comodidades da vida, diz o autor, quase todos adoeceram.» (Página 67.)

E não é necessário estendermo-nos mais nessa explicação da parte negativa das atividades do grupo de exploração científica, como certas deficiências de recursos, ou seu retardamento.

Há uma parte positiva, que se precisa pôr em realce. Com exceção do setor confiado a Capanema, os outros ofereceram frutos, constantes de copioso material colhido e muitas observações registradas. Capanema passou pelo desgosto de ter sua bagagem e pertences da Seção Geológica desaparecidos, com o naufrágio da embarcação que os transportava de Granja para Fortaleza. Precisando continuar viagem para a Serra Grande ou de Ibiapaba, nos limites ocidentais da Província — enviou para a capital seu material e notas. Mas escolheu muito mal o barco, que por sinal tinha o nome de «Palpite», e êste foi a pique com seu carregamento de madeira. A maledicência viu nesse naufrágio um

meio de «esconder a desídia científica e o malbarato dos dinheiros confiados a guarda» de Capanema — informa nosso autor.

O material dos outros setores foi encaminhado para o Museu Nacional, que «diga-se de passagem não oferecia condições para recebê-lo» (página 92).

Até animais vivos foram trazidos, porém diminuto foi o número dos que conseguiram chegar ao Rio, pois a maioria não resistiu a travessia dos sertões parada em Fortaleza e viagem por mar.

Cabe fazer citação especial de 14 mil amostras de plantas em herbários, protegidos em caixas de cedro revestidas por fôlhas de flandres. «Era sem dúvida a maior contribuição botânica até então entrada no acervo científico do Museu.» (Página 92), e que constituía o resultado de dois anos de trabalhos, de Freire Alemão.

O livro é completado, o que o torna mais precioso, pela publicação de Relatórios da Comissão (em parte omissa), instruções para suas atividades etc., e pelos primorosos desenhos e aquarelas feitas por José dos Reis Carvalho encarregado dessa parte dos trabalhos.

Resta referir-me às numerosas Notas que o autor formulou, como esclarecimento ou comentário à publicação da Comissão, transcrita na íntegra.

E não me estendo mais em pormenores. Aí está o livro de Renato Braga para satisfazer o leitor curioso ou interessado. Mas convém citar sua conclusão ou comentar esta parte da história da Comissão Científica.

«Como se vê, os expedicionários não voltaram de mãos abanando...» (Pág. 94.) Todavia êsse acervo a que se refere o autor, só parcialmente é que chegou a ser aproveitado; a parte referente à Zoologia teve «um destino merencório» — a coleção, sem ter quem a estudasse, foi «devorada pelo tempo» (Pág. 196.)

As próprias palavras finais de Renato Braga podem bem servir de fecho a esta despretenhosa notícia comentada, sobre a «História da Comissão Científica de Exploração».

«A Comissão Científica de Exploração, às vêzes designada oficialmente por Imperial Comissão Científica e Comissão Exploradora das Províncias do Norte, nasceu de uma idéia generosa, mas acima da compreensão do govêrno e do povo. As circunstâncias de meio e de tempo lhe eram adversas. Por isso viveu, e se foi quase sem deixar traços de sua existência. Não passou de um belo plano frustrado em suas esperanças.» (Página 106.)

Mas, a meu ver, ela foi uma boa experiência, para o meio e para o tempo, além de uma afirmação, e quem sabe se também um estímulo?